

8

#7

DIFERENCIAL
Abril 2016



#7

E se pudéssemos estar vestidos de elefante enquanto nos braços do Obama? Se calhar, distender-nos-íamos na realidade como se fôssemos uma criança, ou um animal, e não tivéssemos consciência de estar sobre alguém escolhido para presidir 318 milhões de pessoas.

Nesta edição do Diferencial analisamos a sociedade contemporânea e expomos a realidade sob perspectivas que, ainda que simultâneas no domínio temporal, se apresentam absolutamente díspares. Assistimos diariamente à evolução abrupta da Ciência e da Tecnologia, representadas nesta edição pelo Openbazaar, uma plataforma de comércio livre online, e pelo ISTéDemanda, um jogo sobre o Instituto Superior Técnico desenvolvido por um aluno de Engenharia Mecânica. Enquanto membros integrantes dum país desenvolvido e alegadamente civilizado, assistimos com agrado à evolução e receamos e discutimos as suas consequências. A consciência apresenta-se como uma mais valia fulcral para medir os prós e os contras do que nos é disponibilizado. Nesta edição apresentamos uma entrevista a Joshua Florquin, um arquitecto que desenha as suas obras sob o imperativo da sua consciência cívica, o que se revela claramente no bom-senso das suas respostas. Em oposição, analisamos a retórica do provável candidato republicano à presidência dos EUA, que vai contra o conceito de bom-senso de grande parte dos cidadãos do mundo ocidental. Numa perspectiva absolutamente diferente e até chocante, porque a actualidade não se resume a evolução e progresso, apresentamos a realidade dos Albinos em África e reflectimos acerca da cultura de ocupação de edifícios abandonados. Terminamos com a última crónica dos Sete Pecados Actualizados. *

_ Inês Mataloto



diferencial.tecnico.pt

DIREÇÃO.

Inês Mataloto, João Santos e Miguel Duarte

REDAÇÃO.

Afonso Anjos, André Miguel, António Silva, Beatriz Silveira, Bruno Pousinho, Catarina Feijão, Gil Gonçalves, Guilherme Raposo, Inês Mataloto, João Braz, João Santos, José Pedro Lopes, Maria Sbrancia, Mariza MB, Miguel Duarte, Nuno Mota, Rafael Rodrigues, Rita Feijão e Sofia Dias

REVISÃO.

Guilherme Raposo, Nuno Mota e Rita Feijão

GRAFISMO E EDIÇÃO GRÁFICA.

Raquel Serra e Rita Gaspar

GESTÃO DE PLATAFORMAS ONLINE.

António Silva e Maria Sbrancia

GESTÃO DE ESPAÇOS DE PUBLICIDADE.

Guilherme Raposo, Inês Mataloto e José Pedro Lopes

* O Jornal Diferencial é escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico, mas, conforme a escolha de cada redator, os artigos que não seguirem essa regra serão assinalados com um asterisco no final.

NÃO DEIXES A TUA PASSAGEM
PELO TÉCNICO EM BRANCO.



JUNTA-TE AO DIFERENCIAL!

ISTÉDEMANDA

“Oh, look in the skies!”

É assim que começa, ao som da “Comfortably Numb” dos Pink Floyd. Na verdade, Pink Floyd é relativamente transversal no ISTéDemanda, o jogo sobre o Técnico. Ao longo de 63 níveis, Ricardo Pereira, aluno de 5º ano de Engenharia Mecânica, desafia todos os nossos sentidos e capacidade sensoriais de forma a chegar ao fim. São imagens, sons, links, informações escondidas, entre outros, que Ricardo fornece de forma a chegar à palavra-chave que desbloqueia o próximo nível. Este repórter decidiu descobrir o como e o porquê.

– Onde é que começou a ideia de criares um jogo sobre o Técnico?

Já jogava alguns jogos deste género online, mas nenhum deles era sobre um tema em específico. Apesar de ter desenvolvido o jogo só no 2º ano, já tinha pensado no 1º que seria fixe fazer um jogo assim especificamente para o Técnico, com pormenores do Técnico. Perguntei a algumas pessoas o que achavam da ideia e todos eles gostaram e disseram que jogavam.

– Como é que, sendo um aluno de 2º ano, arranjaste as ferramentas para criar um jogo online?

Eu na altura só sabia programar em Matlab, mas sabia que tinha que criar um site. Perguntei a alguns amigos de informática “Como é que isto funciona, como é que posso aprender?” e eles deram-me indicações para visitar o Codecademy. Foi por lá que aprendi os conceitos básicos de HTML, JavaScript e CSS. Fui desenvolvendo o jogo no meu computador, até eventualmente realocá-lo num servidor do IST. Após ter feito isso, em duas semanas tinha o jogo desenvolvido.

– Após lançares a primeira versão do jogo, qual foi a reação da comunidade estudantil?

O jogo foi difundido nos grupos dos cursos e, no primeiro dia, tive cerca de 500 visitantes no site, algo que não estava nada à espera. Quando alguém me abordava para experimentar o jogo, era giro, pois dizia-lhes “Ah, fui eu que fiz isso!”.

Uma curiosidade interessante é que na primeira versão, qualquer pessoa podia ver o código base do site. Eu já sabia que era possível, por isso tentei encriptar de forma a não ser possível. No entanto, havia outra forma de fazer o mesmo, onde a palavra-passe não aparecia encriptada! Tive muita gente a chegar ao último nível

rapidamente e por isso comecei a desconfiar, pois não me parecia possível alguém ultrapassar todos os 29 níveis tão rapidamente. Em versões posteriores corrigi esse erro, e o ritmo do jogo estabilizou.

– Como foi o processo de criação dos níveis?

Tinha algumas ideias, e fui desenvolvendo outras à conversa com amigos. Com base nisso fiz um esquema e tentei ordenar por dificuldade. Ao longo dos anos fui fazendo algumas alterações nos níveis, tanto a nível de imagens como a nível de dificuldade, permanecendo sempre a ideia geral. No fim de 2013 comecei a adicionar mais níveis, pois muitas pessoas já tinham chegado até ao fim. A partir daí o jogo tornou-se bastante rebuscado, havendo relações com o passado e futuro, com níveis anteriores, etc. Existem alguns níveis especificamente dedicados aos Pink Floyd até!

No meu 4º ano adicionei outras funcionalidades, como a secção de “Dicas”, a possibilidade de criar uma conta própria e de ver o progresso realizado. Penso que isto impulsionou o jogo, pois tornou-o mais interativo e fácil de jogar.

– Finalmente esta semana alguém acabou o jogo. Como te sentes?

Foi um sentimento de realização, foi engraçado. Foi uma rapariga de Eng. Eletrotécnica, que foi jogando em grupo. Nos últimos níveis fui ajudando um pouco até que finalmente acabou. Achei espetacular, não pensei que fosse possível, mas gradualmente ela chegou lá. Uma menção honrosa foi deixada na página inicial do jogo, com uma pequena mensagem dela. Espero que hajam muitos mais daqui para diante!



OPENBAZAAR

Um novo paradigma do comércio online

A emergência do comércio online

O comércio online tem as suas raízes numa pequena plataforma construída em 1971 sobre a rede predecessora da Internet - a ARPANET. Estudantes do Laboratório de Inteligência Artificial de Stanford decidiram usar esta nova tecnologia para combinar uma venda de canábis a estudantes do MIT. Este é considerado o ato fundador do comércio online com a qual temos hoje contacto todos os dias.

Na última década assistimos a uma explosão deste setor. Empresas como o eBay ou a Amazon processam hoje milhões de transações por dia. O modelo de negócio destas empresas consiste fundamentalmente em cobrar taxas aos vendedores para anunciarem os seus produtos, e cobrar comissões sobre o valor de venda. No caso do eBay, por exemplo, um vendedor paga cerca de 10% sobre o valor de venda do produto. Apesar das elevadas taxas cobradas, estas plataformas dominam o negócio dos mercados online; mas não por muito mais tempo.

DarkMarket - Um passo na direção da descentralização

Em Abril de 2014, uma equipa de entusiastas de *free software* criou um protótipo de um mercado descentralizado chamado *DarkMarket*. O *DarkMarket* era um mercado *peer-to-peer*, onde um vendedor e comprador interagiam livremente, sem necessitar de uma entidade central, como o eBay ou a Amazon. Neste mercado, qualquer pessoa podia criar uma loja, listar produtos e transacionar com outras pessoas sem qualquer custo. Um aspeto interessante deste mercado é que, pela sua natureza descentralizada, não pode ser parado ou censurado.

Como não existe uma entidade central, os vendedores não pagam taxas sobre as vendas que fazem. Além disso, também não pagam taxas exuberantes a um qualquer processador de pagamento (3.9% + €0.30? Sim, Paypal, estamos a olhar para ti!). Neste mercado, os itens têm o preço expresso em *bitcoins* e não em dólares. Deste modo, não existem intermediários: a transação é feita diretamente entre o comprador e o vendedor, usando as revolucionárias *bitcoins*.

O projeto *DarkMarket* foi apenas uma experiência, mas não tardou até que um entusiasta pegasse no projeto e o desenvolvesse.

OpenBazaar: um mercado livre, sem taxas, sem censura

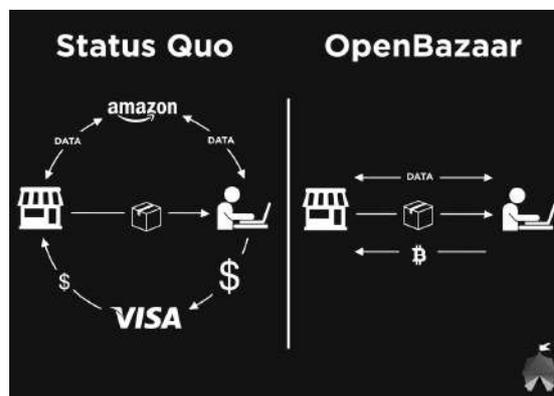
Brian Hoffman pegou no projeto *DarkMarket* e desenvolveu-o com vista a criar a nova plataforma revolucionária de comércio online, com várias melhorias relativamente ao projeto que o originou. A este projeto deu o nome de *OpenBazaar*.

Durante o último ano, o *OpenBazaar* tem vindo a ser desenvolvido por *developers* que trabalham dia e noite para lançar o projeto o mais rapidamente possível. E a boa notícia é que o projeto está quase pronto!

As vantagens para os vendedores são óbvias: a ausência de taxas e a liberdade para listar itens sem qualquer custo. O comprador, por sua vez, fica a ganhar, visto que a ausência de taxas permite que os produtos sejam vendidos a um preço mais baixo.

Sistema de Reputação e Moderação

O *OpenBazaar* tem um sistema de reputação dos vendedores, à semelhança dos serviços centralizados que pretende substituir. Após a transação, o comprador atribui um *rating* ao vendedor que será exposto aos outros utilizadores. Mas mesmo com um sistema de *rating* é impossível garantir que 100% das transações correm bem. Imagine-se que um utilizador quer comprar um item a um vendedor através do *OpenBazaar*. Há um problema: o comprador não conhece o vendedor. O que é que impede o vendedor de receber o pagamento e não enviar o item? Teoricamente, o vendedor quer manter um *rating* positivo (como no eBay), mas, na prática, nada o impede de sacrificar algum do seu *rating* em detrimento de um aumento do seu *payoff*.





O sistema de reputação distribuído é apenas o início da segurança do OpenBazaar para o consumidor. Para além dos compradores e vendedores, este mercado tem um terceiro tipo de *players* chamados moderadores. Qualquer pessoa se pode listar como moderador, passando assim a ter um rating atribuído pelos utilizadores.

Quando o comprador encomenda um produto, seleciona um dos moderadores disponíveis para arbitrar a transação. O pagamento é enviado para uma *conta de garantia*, em vez de ser enviado diretamente para o vendedor. Esta conta tem uma propriedade interessante: dois dos três *players* envolvidos na transação (comprador, vendedor e moderador) têm de aprovar uma transação para que a conta seja liquidada. Ou seja, se tudo correr como esperado, o comprador e o vendedor libertam os fundos e completam a transação. Se houver um problema, o moderador é chamado a resolver a disputa e, após analisar o caso, determina qual dos partidos tem razão e liberta os fundos nessa direção.

Todo este processo se baseia na confiança que as entidades têm no moderador. Esta confiança é contruída com base em *ratings* dados por utilizadores em transações passadas. É do interesse dos moderadores ter o melhor *rating* possível na disputa de transações visto que os moderadores recebem uma pequena comissão sobre as transações em que participam. Esta comissão é estabelecida pelo próprio moderador e tem de ser aceite pelo vendedor e pelo comprador.

Controvérsia

Talvez o aspeto mais controverso deste mercado seja a sua resistência à censura. Praticamente todos os serviços centralizados têm uma lista de itens cuja venda é proibida. Mas... como é que se pode impor este tipo de controle num mercado descentralizado? A resposta é simples: é impossível. Cada *loja* nesta rede descentralizada pode anunciar os itens que desejar e cada comprador pode ver todos os itens listados na rede. Por este motivo, a rede como um todo é incensurável. Contudo, o IP (o número que identifica cada computador na rede) de cada máquina pertencente à rede é anunciado publicamente, sendo por isso possível identificar a

pessoa/grupo que publicita um dado item. O controle passa assim a ser feito pelas autoridades locais, que poderão facilmente identificar um infrator e interferir com a operação de uma loja na rede (e não com a rede toda). Esta identificação é baseada no IP das máquinas da rede e fica muito dificultada se forem usados serviços que escondem o IP.

É possível (e muito provável) que num futuro próximo apareça uma plataforma equivalente ao OpenBazaar que opere na *darknet* (mais especificamente usando a rede de anonimato Tor). Aplicando este novo paradigma ao comércio descentralizado, os vendedores e compradores podem interagir sem expor a sua identidade. Mercados ilegais na *darknet* não são novidade. Todos os meses as autoridades deitam abaixo serviços deste género que operam na *darknet* e todos os meses aparecem novos serviços. Até hoje, todos estes serviços operam de forma centralizada, ou seja, têm um ponto central de falha. Para acabar com um serviço, as autoridades apenas têm de conseguir encontrar o servidor que aloja o serviço e desligá-lo. Mas com este novo paradigma da descentralização, a luta contra os mercados ilegais da *darknet* torna-se muito mais difícil, se não impossível. Tudo aponta para que este tipo de serviços comece a surgir nos próximos meses.

Lançamento na testnet

No dia 2 de Março deste ano, os *developers* do OpenBazaar lançaram a versão de teste do software. Esta versão é em tudo igual ao produto final, exceto na parte dos pagamentos. Os pagamentos são feitos através da chamada *bitcoin testnet*, ou seja, a rede de testes das bitcoins.

O software está agora em fase de peer-review e, até agora, parece haver um consenso entre utilizadores quanto à qualidade do produto construído. O OpenBazaar é extremamente fácil de usar e tudo funciona de forma incrivelmente intuitiva.

Não há uma data estabelecida para o lançamento da versão final, mas sabemos que está para breve. Muito provavelmente, tudo estará finalizado até à data de publicação deste artigo, talvez até antes. O leitor curioso pode instalar e explorar o produto final em openbazaar.org.

És entusiasta da tecnologia de blockchain? A palavra bitcoin desperta o geek que tens dentro de ti? Envia um email para blockchain.no.tecnico@outlook.com para organizarmos uma reunião de entusiastas! Se conheces alguém que possa ter interesse, passa a mensagem!

TRUMPMANIA

Demagogia a caminho da Casa Branca?

Donald Trump é mais do que o provável candidato republicano às presidenciais nos EUA, é um *entertainer*, alguém que sabe cativar a atenção da audiência para vender o seu produto. Neste caso, a plateia é o eleitorado americano e o produto é a sua pessoa como presidente. O que à partida parecia uma realidade difícil de vender, tornou-se num fenómeno de popularidade. Trump alia a essa popularidade uma retórica agressiva e falaciosa que se torna apelativa a franjas consideráveis do eleitorado.

“Don’t” é um dos verbos mais empregues. O uso de frases negativas está quase sempre associado a dois sujeitos: “We” e “They”. O primeiro refere-se ao país e serve para dar uma imagem de subjugação perante outras entidades, sejam elas países como a China, que Trump acusa de concorrência desleal, ou como a Rússia, que tem como líder Vladimir Putin, em contraste com o plácido Obama; sejam elas fenómenos como a imigração e o terrorismo.

Trump exagera certos aspectos para gerar indignação, receio e desconfiança. “We don’t know”, “We don’t have” são elementos que repete até à exaustão. O segundo sujeito é usado como agente do mal. “They” refere-se a Washington, o ícone da incompetência e inércia da política norte-americana. Trump apresenta-se como alguém livre do poder dos lobbys. O argumento “sou rico e independente e por isso não tomo acções imorais” cai muito bem entre as pessoas que estão fartas deste clientelismo. Já apresentou a vítima e o culpado, e descreveu o cenário distópico em que vivem. O que falta? O salvador, “I”, com o qual costuma relacionar a palavra “success”. A adjectivação baseia-se no abuso do superlativo absoluto analítico. “Simple, hard, proud, sad...” são exemplos dos adjectivos usados: simples, monossilábicos e quase sempre acompanhados de um ou mais “very” que os acentuam.

Trump comunica as suas ideias em frases normalmente simples e curtas. Por vezes nem chega a terminar um determinado raciocínio. É capaz de interromper aquilo que está a dizer para fazer um comentário depreciativo sobre alguém ou até mesmo para se congratular pelo seu próprio sucesso. Este ziguezague constante confere uma certa proximidade, à qual se acrescentam as coreografias do público. “Quem vai construir aquele muro?”, grita Trump, e respondem-lhe de volta “México!”.

O discurso de Trump tem falácias para todos os gostos. Exemplos de *ad hominem* não faltam, sejam com uma jornalista a quem chamou de bimba e sugeriu que estivesse “naquela altura do mês”, ou com o rival republicano Jeb Bush, que acusou de ser um miúdo mimado e estúpido. Mesmo que lhe apontem falhas no raciocínio, nunca vacila e torna-se mais hostil. Se alguém tenta contrariá-lo, foge ao assunto e rapidamente ostraciza o indivíduo. Ele consegue sobreviver à sua ignorância, porque a imagem que fica é a incapacidade de quem o acusou de lhe responder de volta, já que são poucos os que estão dispostos a descer ao seu registo. Quando quer dar força às suas ideias abusa de *ad populum*, inventando situações em que supostamente a maioria concorda com ele. No fundo, o discurso resume-se a “votem em mim, porque defendo coisas populares”. Trump sabe aquilo que as pessoas querem ouvir. Apresenta-lhes isso sem explicações e sem planos. O produto é apenas a promessa. *Ad verecundiam*, por último, é parte integrante da sua forma de estar. Os argumentos de autoridade facilitam-lhe muito o trabalho. Se ele for bem sucedido em apresentar uma imagem de infalibilidade, então não precisa de sustentar as suas afirmações. Quando diz que será “o melhor presidente criador de empregos que Deus já criou. Eu digo-vos isto” e depois é interrompido por aplausos, o trabalho que empregou na criação da marca apresenta os seus resultados. Se isto fosse dito por outro político, seria visto como genuíno ou como uma fraca tentativa de conseguir votos?

Trump é uma personagem dos tempos e não é algo exclusivo do outro lado do Atlântico. É um sintoma da incapacidade dos políticos e da própria democracia em responder às necessidades dos seus cidadãos e ao mesmo tempo em se adaptar a um mundo globalizado, que é muito diferente daquele em que as nações ocidentais se formaram. A ascensão surpresa de Trump diz-nos também quão incapazes somos de prever o futuro e, ainda mais, de reagir às mudanças, pois somos prontamente engolidos pela avalanche de acontecimentos. Muito provavelmente Trump não será o próximo presidente dos EUA, mas ficará para a história como um “palhaço” do circo televisivo que foi capaz de, por alguns momentos, acreditar que era possível sentar-se numa das cadeiras mais importantes do mundo. *



CONDENADO PELA NATUREZA

A marginalização e perseguição sofridas por um portador de albinismo africano.

Demasiados foram os acontecimentos que simultaneamente mancharam e impulsionaram a História da nossa evolução enquanto seres humanos capazes de tolerar a diferença e a variabilidade que nos é inerente. A crença na supremacia branca e na consequente tentativa de subordinação de outras raças, entre as quais se destaca a raça negra, terá sido o cerne da intolerância e discriminação, incitando, por seu turno, à luta pela igualdade que

se prolonga até aos nossos dias. E porque a intolerância é imune ao tempo e ao lugar, talvez seja instrutivo refletir sobre o cenário inverso - ser branco e condenado por isso. E não porque a natureza assim o ditou desde o início, mas porque cometeu um erro.

Albinismo - mais do que uma mutação genética conducente à produção deficiente de melanina e que se traduz no fenótipo característico de cor pálida da pele, alterações da cor do cabelo e olhos, que para muitos de nós poderá apenas despertar olhares

curiosos, é sinónimo de mistificação e sofrimento para os seus portadores em países assolados pela pobreza e onde a crença religiosa prevalece sobre a ciência.

Em países da África Subsariana, como o Malawi, Quênia, Burundi, África do Sul e Tanzânia, entre outros, ser portador de albinismo significa ser considerado um fantasma, alguém que

não morre, mas que simplesmente desaparece. Alguém que terá de viver "na sombra", não só pela sua vulnerabilidade física, mas para escapar à perseguição de que certamente será alvo. Estes indivíduos são literalmente caçados

e desmembrados para que partes do seu corpo sejam utilizadas em rituais de bruxaria assentes na convicção de que as suas propriedades mágicas trarão sorte e riqueza, sendo alegadamente mais eficazes se a mutilação ocorrer enquanto a pessoa esti-

ver viva. E como crenças infundadas e enraizadas desta natureza frequentemente vêm acompanhadas da possibilidade de negócio, escusado será referir a existência de um mercado negro milionário dedicado a estas práticas. Por outro lado, dita o "conhecimento geral" que se abate a maldição sobre a família que traz ao mundo uma criança albina, motivando assim o seu envio para abrigos, com o intuito de pôr termo ao infortúnio, de onde não regressarão ou, considerando o cenário mais otimista, raramente serão visitadas.

De entre os países mencionados acima, a Tanzânia é aquele com o maior registo de ataques, cerca de 72 nos últimos 6 anos, dos quais apenas 5 agressores sofreram algum tipo de punição pelos seus atos. A liderança, comparativamente a outros países da região, relativamente ao número de ataques, poderá ser explicada pelo facto de a Tanzânia constituir o país africano com maior índice de albinismo - 10.4% da população. Contudo, o aumento de surtos violentos tem sido verificado em outros países.

Expostos os factos, seguro será afirmar que os alegados esforços das autoridades inviabilizam qualquer perspectiva de mudança e pouco alento dão às vítimas. Embora a solução para o fim desta marginalização, conducente a um completo atentado à humanidade, seja simples e alicerçada na educação da população e condenação justa dos agressores, o facto é que o futuro não revela promessa.

É-nos intrínseca a atribuição de um significado, a procura de elucidação perante algo que nos é estranho, diferente ou pouco familiar. Onde o conhecimento fracassa é compensado por crenças populares, religiosas ou de outra natureza, que nem sempre conduzem a desfechos dos quais nos devemos orgulhar. Tragédias como a aqui descrita vêm comprovar a nossa insustentabilidade e atestar o longo percurso que nos aguarda em direção à plena compreensão do valor da vida humana.



EDIFÍCIOS ABANDONADOS E A CULTURA DE OCUPAÇÃO

Um olhar sobre a ocupação ilegal de edifícios devolutos e as tentativas de usar os mesmos para suprir problemas sociais.

De janelas abertas, pôde entrar a chuva que durante anos apodreceu o soalho dos pisos superiores. O interior do edifício coberto de dejectos confirma a hipótese de que os milhares de pombos que por ali passaram tenham sido os únicos inquilinos desde 2005. Na noite de 25 de Abril de 2012, um grupo de jovens ocupou um prédio devoluto na Rua de São Lázaro, perto da praça do Martim Moniz. O edifício foi limpo e as paredes pintadas pelos intrusos. Dos resguardos das varandas pendiam cartazes onde se lia “Não se pode despejar uma ideia” ou “Tanta gente sem casa, tanta casa sem gente”. Via internet, os ocupas chamaram a atenção para o que tentavam fazer, por meio de um blogue e recorrendo às redes sociais.

Segundo um dos ocupantes citado pela agência Lusa, o objectivo seria a criação de um espaço onde se pudessem organizar projectos “culturais, sociais e educativos”, para “tirar as pessoas da rua e ensinar profissões”. Outro dos membros do grupo referiu ao PÚBLICO o objectivo de mostrar aos demais cidadãos como a Câmara Municipal de Lisboa menospreza espaços que poderiam, caso contrário, ser postos ao serviço da comunidade.

Sem delongas apreciáveis, a Câmara Municipal fez chegar ao número 94 da rua de São Lázaro, uma notificação de despejo com um prazo de 10 dias. Esta acção foi ripostada com a interposição de uma providência cautelar por parte do Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa, rectificando que uma notificação de tal natureza teria que ser provida de um prazo mínimo de 90 dias para a desocupação voluntária do edifício. A Câmara pôde ainda emitir um despacho, alegando que o prolongamento da ocupação seria “gravemente prejudicial para o interesse público”, de modo que a polícia foi autorizada a intervir a 31 de Maio, encurtando a estadia dos ocupas para pouco mais de um mês. Durante o período em que o edifício permaneceu habitado foram organizados concertos, debates, workshops de actividades diversificadas, etc.



A ocupação do prédio da rua de São Lázaro está longe de ser um caso isolado. De facto, ocupações não autorizadas com fins políticos em vista existem noutras cidades em Portugal, na Europa e um pouco por todo o mundo. A Casa Okupada de Setúbal Autogestionada, ou C.O.S.A., é uma das mais duradouras destas iniciativas que, desde 2000, tem vindo a organizar debates, exposições, concertos e outras actividades culturais e sociais. Ainda outra ocupação digna de referência deu-se na escola da Fontinha, no Porto. Nesta escola abandonada, os ocupantes, apoiados por vizinhos, organizaram eventos que abrangiam desde a criação de hortas a sessões de ioga e de cinema, até a polícia proceder à desocupação total em Maio de 2011.

No caso de Itália são geralmente os movimentos impulsionados por grupos de estudantes que mais ímpeto dão às *occupazioni* políticas. Assim sendo, é natural que estas se dêem, em grande parte, em cidades fortemente universitárias, como é o caso de Bolonha, onde é prática a de ocupar edifícios abandonados, torná-los habitáveis e fornecer guarida a sem-abrigo ou a famílias em sérias dificuldades financeiras. Este é o caso da *palazzina di via De Maria*, um edifício devoluto que foi ocupado e rearranjado por um grupo de jovens, auto-denominado Social Log, no final de 2014, tornando-se então o tecto de 13 famílias, segundo o jornal italiano *Piazza Grande*. Após ferozes contendidas entre a Câmara Municipal, os intrusos e o proprietário chegou-se, em Janeiro, a um acordo de legalização da habitação, que implicava o pagamento de uma renda simbólica por



parte dos inquilinos e a isenção do imposto sobre imóveis normalmente cobrado ao proprietário.

De acordo com a informação disponível no *site* oficial do governo italiano, em 2014 foram despejadas cerca de 77 mil famílias, das quais 69 mil apontam como

causa principal o atraso no pagamento das rendas. Esta situação, decorrente sobretudo de dificuldades económicas, tem contribuído grandemente para o aumento do número de sem-abrigo e, conseqüentemente, das ocupações ilícitas.



França, palco de inúmeros movimentos políticos ao longo da história recente, certamente não fica atrás de Itália em número nem em variedade de *squats*, do inglês *squat* (ocupar). Um caso muito particular, que durante anos atraiu a atenção dos media e de activistas

internacionais, foi o de Notre Dame des Landes, uma região a norte de Nantes, na Bretanha. O estado francês assinou um contrato com a multinacional Vinci, actual proprietária do aeroporto de Lisboa, para dar início à construção de um segundo aeroporto que ser-

visse a cidade de Nantes. Alegando principalmente a ausência de necessidade de tal construção e o facto de esta estar planeada para um local abundante em quintas de pequenos agricultores e zonas florestais, foram muitos os descontentes que, em todo o país, deram de si. Protestos surgiram e evoluíram até eventualmente tomarem a forma de ocupações das quintas que haviam sido vendidas à empresa pela maioria dos proprietários originais.

Durante anos as incontáveis tentativas de despejo por parte da polícia foram frustradas por uma resistência feroz de um crescente número de pessoas que se mudaram para o território em disputa, construíram casas, plantaram hortas e abriram poços. Criou-se assim uma comunidade desprovida de hierarquias internas e, para todos os efeitos, isenta da jurisdição do governo francês. Hoje em dia, o enorme espaço ocupado é conhecido pelo nome de *La ZAD*, originalmente *Zone d'Aménagement Différé*, mas chamado *Zone à Défendre* pelos resistentes.

Nota de opinião: Nas suas diversas formas, a cultura de ocupação é tão apupada como aplaudida, o que não surpreende, dada a sua natureza disruptiva e de anti-estabelecimento. O facto de estar tão disseminada por diversas zonas do globo faz com que esta se torne um assunto incontornável, obrigando a uma avaliação minuciosa das intenções e resultados.

Não há como considerar a ocupação um acto intrinsecamente correcto, assim como seria um equívoco julgar os ocupantes como meros transgressores agindo por proveito próprio. A intenção parece inatacável, de modo que apenas o método parece susceptível de estar sujeito a um escrutínio moral. Assim, apenas a forma que toma a ocupação é capaz de ditar a sua legitimidade.

Lisboa alberga quase 5 mil prédios devolutos, cerca de 8% do total de prédios que se erguem sobre a cidade. De acordo com o artigo "Lisboa Abandonada" que figura na revista VISÃO, em qualquer ponto do centro histórico de Lisboa nunca se está a mais de cem metros de um edifício parcial ou totalmente deserto. Ora as ruas da capital são também alojado de 816 sem-abrigo, segundo uma contagem feita pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa no ano passado. Não é de considerar que algo está profundamente errado quando, ao descer a Avenida Fontes Pereira de Melo nos deparamos com um homem a dormir à porta de um enorme edifício emparedado? *

ARCHITECTURAL TRIALS: JOSHUA FLORQUIN

Skype Interview with Joshua Florquin

Joshua Florquin is an Architect, graduated in 2008 from Sint-Lucas Architectuur, having spent an year on Erasmus in Roma Tre University as well. He moved to Paris afterwards, where he worked for a few architecture offices like Architecture Studio, Local Architecture Network - a young office, very socially involved, which he still talks about very enthusiastically - and , before founding his own office in 2014.

In recent times he received some attention over his design of the barbershop Les Dada East, inspired by the ecological policies of the store. On a Sunday morning, we chatted over his methodology and architecture education in our modern but not very sustainable societies.

– What are your major concerns when designing?

Personally, I try to design with a social and psychological approach. I think Architecture can't only be a pragmatic discipline that answers to functional and economic problems, it should also be a discipline that absorbs social, economic, political and cultural changes of humans and their environment and then achieve solutions that are innovative and can stand the test of trend and time. When starting a project I start with the context: urban, architectural and with particular focus on the user. How a specific building can influence the interaction with its user in a positive and functional way. I would say this method is important in my work.

– As someone who is now directly responsible for his own projects, and also as a former student, what do you think might be missing, or might be at fault, in contemporary architecture teaching?

I don't like to criticize, mainly because I think it's not my place. If I have to answer I'll say that you have to find a balance, even in education.



Some schools that are very academic and technical, such as the Politecnico di Milano where I met other students during my stay in Italy, were, in my opinion, rather focused on construction techniques. When you're an engineer or an architect that aspires to build immediately those abilities can definitely be useful.

Sint-Lucas in Gent for example, where I studied, is a school that focuses a lot on concepts. It was the main criteria to present a project. With well funded thoughts on why you were making certain design decisions. I was very glad with this pedagogic approach. In my opinion, and this is of course related to my education, I think it's important that they give students freedom to come up with new ideas that might even seem strange to us now, but that can be innovative in the future.

It's necessary to have a technical background, but in my opinion that is secondary. Techniques are evolving very quickly in construction. You learn while working on projects on a professional level. When you're a student I think it's more important to develop the brain in a way that capacitates you to develop new ideas who can change the way we live and use space. Nonetheless, technique is very important and that's why I advocate a strong collaboration between architects and engineers.

I would say that, ultimately, when studying, you should ask yourself what is important to you: whether you aspire to construct immediately with academic technical knowledge, or whether you aspire to come up with new ideas and collaborate with other engineers to achieve those concepts. It's about finding a balance between those options and knowing what you want to achieve in the future.

The complete interview, with 3 extra questions, can be read online at diferencial.tecnico.pt



OS SETE PECADOS ACTUALIZADOS: IRA

“Meus amados irmãos, tenham isto em mente: Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se, pois a ira do homem não produz a justiça de Deus.” (Tiago 1:19-20)

A Ira, Raiva, Cólera, Sanha, Exasperação, Rabugice, Mau Feitio ou o que quer que se chame a este pecado tão intrinsecamente banal que se torna difícil apelidá-lo ou defini-lo, apresenta-se simplesmente como a derrota fatal do jogo impossível em que as regras são utopias e a missão um ardid. Por mais divina e puritana que fosse a vontade do criativo criador, creio que era facilmente dedutível que, espécimes que começam por rasgar o ventre da própria mãe, que o carrega e alimenta, para logo depois pedirem desculpas em melodias de choradeira, ou, pior, que engenam a coisa de tal forma a obrigar a mãe a submeter-se a uma cirurgia, não podiam aceder à regra dos brandos e pacíficos. Não deixa de ser curioso como nos chateamos tanto mais e mais facilmente com as pessoas quanto mais próximas são, sendo que estas, com excepção dos casos em que a reparação de erros na construção das relações humanas falhou, são aquelas de quem mais gostamos e que mais gostam de nós. Claro que alguns fazem da Ira o seu próprio jogo e desatam a mostrar aos seus semelhantes que aquele germinar agressivo é só uma pequena amostra da potencial barbárie que cada nova vida traz à vida. O criativo criador, se criou também os jogadores, devia tê-los criado melhor.

Diria que a Ira nasce e morre connosco e, se não for um fim em si mesmo, finda a renúncia a todos os outros pecados, tal como finda Os Sete Pecados Actualizados. O que fica depois da negação das futilidades tão inerentes à Avareza? Quando o regalo confortante da Preguiça é perturbado? Quando os desejos impreteríveis da Gula não são saciados? E a chapada sem mão, no momento em que a pequenez que a Soberba não aceita é revelada? O que fica no momento da consciencialização de uma Inveja não colmatada? Preciso de falar dos efeitos secundários de uma Luxúria mal resolvida? Ira! Um passeio rápido pela mente psicopática da sétima arte, porque o sete é o nosso número e o Seven o nosso filme, faz-nos agora perceber a razão que levou John Doe a guardar a Ira para o fim do seu plano, e porque se deu ao luxo de deixar este pecado nas mãos de outrem. Enquanto amadores desta arte sem veteranos é tão fácil ceder à ira, e seria tão impossível, se a impossibilidade tivesse escala, oprimi-la. “O mundo é um belo lugar e vale a pena lutar por ele” (Ernest Hemingway) mas, para isso, temos de parar de procurar a recta final neste círculo infinito. Posto isto, com toda a Ira que vos aprover, que atire a primeira pedra quem nunca pecou. *



EVENTOS

TEATRO_ 7 a 24 de Abril

A Conquista do Pólo Sul, no São Luiz Teatro Municipal, de quarta a sábado às 21h, domingo às 17h30.

CINEMA_ 20 de Abril a 1 de Maio

Indie Lisboa – 13º Festival Internacional de Cinema Independente, no Cinema São Jorge, na Culturgest, no Cinema Ideal e na Cinemateca.

TEATRO_ 22 a 24 de Abril

FALTA de Mariana Reis | TRY BETTER, FAIL BETTER'16 – Ciclo Novos Criadores, às 21h30 no Teatro Taborda.

EXPOSIÇÃO_ 23 de Abril a 23 de Julho

Molière: *A escrita encenada*, no Museu Calouste Gulbenkian.

MÚSICA_ 23 de Abril

Concerto de Vaiapraia e as Rainhas do Baile, às 23h na Casa Independente.

MÚSICA_ 27 de Abril

Concerto de Scott Yoder nas DAMAS, às 22h. Primeira parte de April Marmara e Dj Set de Joaquim Quadros.

TEATRO_ 28 a 30 de Abril

TRADIÇÃO de avééú | TRY BETTER, FAIL BETTER'16 – Ciclo Novos Criadores, às 21h30 no Teatro Taborda.

MÚSICA_ 29 de Abril

Festa das Nove Canções por Lourenço Crespo (Lançamento) com Kridinhux, às 21h30 no Grupo Desportivo da Mouraria.

MÚSICA_ 30 de Abril

Capitães da Areia, no Centro Cultural de Belém às 21h.

MÚSICA_ 5 de Maio

Spring Toast Party III – Concerto de lançamento do segundo EP de Mighty Sands 'Big Pink Vol.2' nas DAMAS às 22h.

			2		3	1	8
3		2	1				4
		1	4	5			
7						8	
						5	7
6	1						
	3				1	7	9
				8	5	4	
5	4	9		3			

				5			4
2						1	
				3			
8			6	2			5
		3					7
					1		
		4					
		2			8		6
7	5						

2			6			9	5
1					8		4
		9		2			
	5	6			7		4
4					5	3	2
8	3			4			7
		2			3		8
			8				3

		3				8	4
				5	6		
	2						
		4	3				
1						5	
		1		7			2
	5					6	
			4			9	

					2	8	
	7				6		
	3	1					
						6	
					4	2	8
	5			3			
				1		3	
			5			9	
2							

							3
	6	2		5	9		
	4		7			9	
					3		
1	9			6	5		2
					2		8
8							
		5	9				2
			8	1	7		5